

QUINTA SEÇÃO

O ZELO PELA SALVAÇÃO DAS ALMAS OS MODELOS DE DOM BOSCO

Apresentação

Os esforços com vistas à reforma cristã da sociedade postos em ação pela diocese de Turim após a queda do império napoleônico, além da retomada da catequese paroquial metódica, da promoção das missões populares, das Quarenta Horas e de exercícios espirituais para todas as classes sociais, se concentraram de modo especial na reforma do clero, a começar por uma seleção mais atenta dos candidatos ao sacerdócio e por um cuidado diligente pela sua qualificação. Com este escopo as autoridades diocesanas reorganizaram o seminário da capital (1819), reforçando os aspectos disciplinares e espirituais e favoreceram as iniciativas do teólogo Luís Guala, aprovando o regulamento do Colégio Eclesiástico (1821), depois ampliaram o seminário de Bra (1824-1825), finalmente abriram um novo seminário em Chieri (1829), na antiga casa dos Padres Filipinos, entregando-a aos cuidados de formadores de confiança¹. O modelo formativo proposto pelo arcebispo, o camaldulense Columbano Chiaverotti (1754-1831), se inspirava nos ideais sacerdotais da tradição católica pós-tridentina, com forte acentuação da caridade apostólica e da doação pastoral (o sacerdote deve ser uma “victima charitatis”)². Ao mesmo tempo, grupos de eclesiásticos generosos, colaborando com seus esforços reformadores, se punham à disposição para a pregação popular, o ministério das confissões e a direção espiritual, junto com membros de algumas ordens e congregações reconstituídas após a supressão da época francesa.

Progressivamente, o empenho formativo produziu seus frutos. A partir dos anos Quarenta, uma falange de jovens sacerdotes, bem preparados e motivados, se inseriu nas paróquias e nas instituições de caridade da diocese, contribuindo eficazmente para a renovação espiritual da sociedade e a retomada da prática religiosa entre a população. Abriram-se novas fronteiras apostólicas. Surgiram instituições pastorais, educativas e assistenciais inéditas.

Dom Bosco, educado nesses anos, assimilou o fervor espiritual e apostólico dos ambientes em que foi formado. Modelos referenciais eram os santos pastores da Reforma Católica – São Felipe Neri, São Carlos Borromeu, São Francisco de Sales e São Vicente de Paulo – seu ardente dinamismo apostólico e a sua caridade operante.

¹ Cf. Aldo GIRAUDDO, *Clero, seminario e società. Aspetti della Restaurazione religiosa a Torino*. Roma, LAS 1993, pp. 177-213.

² *Ibid.*, pp. 245-254, 277-288.

São José Cafasso, colaborador e sucessor do padre Guala no Colégio Eclesiástico, se distinguiu pelo seu extraordinário talento de guia espiritual e de mestre de moral. Diretor espiritual sumamente apreciado, pregador ardente, confessor incansável e iluminado, apóstolo da caridade para com os presos e os mais miseráveis, mediante o exemplo da sua vida sacerdotal, os carismas de que era dotado e o ardor da sua caridade, desempenhou uma função determinante na regeneração espiritual e pastoral do clero e do laicato piemontês. Faleceu consumido pelas fadigas com a idade de 49 anos. Dom Bosco sempre o considerou seu mestre e guia, modelo estimulante. Foi Cafasso a orientá-lo e encorajá-lo ao ministério entre os jovens pobres e abandonados. Dele hauriu importantes lições de vida espiritual, junto com a paixão pela salvação das almas, a caridade incansável, a fé ardente, a coragem pastoral.

Nesta quinta seção transcrevemos dois esplêndidos discursos de Dom Bosco, um sobre o padre Cafasso (n. 295), o outro sobre São Felipe Neri (n. 296), dos quais emerge a importância espiritual, pelas suas opções e pelo dinamismo apostólico impresso à Obra Salesiana, desses modelos referenciais, tão radicais e ardentes na sua doação.

295. Discurso fúnebre na missa exequial no Oratório pelo padre José Cafasso

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Biografia del sacerdote Giuseppe Cafasso esposta in due ragionamenti funebri*. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp. 1860, pp. 9-45 (OE XII, 359-395)³.

I. Exórdio

Não sei, meus caros jovens e prezados senhores, não sei se o argumento desta manhã deve ser visto por nós como motivo de dor ou de conforto.

³ A comemoração ocorreu no dia 10 de julho de 1860 na igreja de São Francisco de Sales, no final da missa exequial celebrada dezessete dias após a morte do padre Cafasso (G. BOSCO, *Biografia del sacerdote Giuseppe Cafasso...*, p. 3). O clérigo Domingos Ruffino (1840-1865) escreve em sua crônica: “10 de julho. Houve exéquias pelo padre Cafasso celebradas pelos jovens do Oratório que se empenharam em fazer a santa comunhão. [...] Às 6h15min começou a missa solene cantada pelo teólogo Borel; em seguida, Dom Bosco pronunciou a oração fúnebre, melhor, leu, porque pela comoção não teria podido continuar; apesar disso, diversas vezes lhe brotaram as lágrimas dos olhos, e o que ele contou e toda a sua pregação deixaram encantados os ouvintes que com pena viram terminar o discurso; ele, porém, prometeu que haveria de escrever a vida de Cafasso por inteiro” (ASC A0120201 *Cronaca dell’Oratorio di S. Francesco di Sales N. 1, 1860*, manuscrito de Domingos Ruffino, p. 23).

Certamente, se na morte do padre Cafasso considerarmos a perda de um benfeitor da pobre humanidade, temos sérios motivos para sofrer e rezar como que atingidos por grave desgraça. Desgraça para os bons, infortúnio para os pobres, desastre para o clero, calamidade pública para a religião.

Mas se olharmos esta perda à luz da fé, temos razoáveis motivos para mudar a tristeza em consolação, pois, se perdemos um homem que nos beneficiava sobre a terra, temos firme confiança de ter adquirido um protetor junto de Deus no céu.

De fato, se considerarmos a vida do padre Cafasso, a inocência dos seus costumes, o zelo pela glória de Deus e a salvação das almas, sua fé, esperança e caridade, sua humildade e penitência, devemos concluir que por todas essas virtudes ele recebeu um grande prêmio e, ao morrer, não fez senão abandonar esta vida mortal cheia de misérias para voar para a posse da bem-aventurada eternidade.

Além disso, segundo São Paulo, as virtudes do homem mortal são imperfeitas, não são dignas de ser comparadas com as celestes: por isso, se a caridade do padre Cafasso foi grande na terra, quanto mais o será agora que nós o cremos no céu? Portanto, se na terra ele fazia o bem a um, no céu fará o bem a dez, a cem, a mil. Afortunados, portanto, os que puderam gozar da caridade do padre Cafasso quando estava na terra; muito mais afortunados os que agora o reconhecem como protetor junto de Deus no céu.

A fim de nos persuadirmos do que vos digo, peço que me acompanheis com a vossa preciosa atenção enquanto irei expondo as principais ações da vida deste homem maravilhoso. Digo que exporei somente as ações principais, porque a maior parte delas são ainda desconhecidas, mas com o tempo serão recolhidas com diligência para fazer delas um glorioso registro para a história. Eu, portanto, me limitarei ao que vi ou então ouvi pessoalmente. Deverei mesmo omitir uma parte desses acontecimentos, quer para ficar dentro da brevidade exigida por um discurso, quer porque muitos deles me emocionariam de tal forma que talvez não conseguiria apresentá-los. Entretanto, embora mantendo a brevidade do discurso e atendo-me somente à narração do que é mais sabido pelos que o conheceram, creio que isto será suficiente para nos persuadir de que o padre José Cafasso viveu uma vida santa, encerrada por uma santa morte.

São estes dois pensamentos que por primeiro ocorreram à minha mente ao recordar este querido e pranteado amigo; estes dois pensamentos são também a matéria do nosso entretenimento. Assim, enquanto iremos recordando as ações virtuosas e a preciosa morte do padre Cafasso, diremos que ele foi mestre do bem-viver e modelo para todos os que desejam fazer uma santa morte.

II. Juventude do padre Cafasso

Acontece a muitos jovens que por causa de um desventurado encontro com maus companheiros ou pelo descuido dos pais e frequentemente também pela sua índole contrária à boa educação, desde a mais tenra idade se tornam vítimas infelizes do vício, perdem o inestimável tesouro da inocência antes mesmo de conhecer seu valor e acabam escravos de satanás sem nem sequer ter podido provar as doçuras dos filhos de Deus. Para o padre Cafasso não foi assim. Nasceu em janeiro de 1811 em Castelnuovo d’Asti de honestos camponeses. A docilidade, a obediência, o recolhimento, o amor ao estudo e à piedade do jovem Cafasso fizeram com que logo fosse motivo de alegria para seus pais e mestres.

Desde a primeira idade deixou transparecer o seu recolhimento unido a uma propensão quase irresistível para fazer o bem ao próximo. Considerava feliz o dia em que podia dar um bom conselho, promover um pouco de bem ou impedir o mal. Com dez anos já era um pequeno apóstolo na sua terra. Foi visto muitas vezes sair de casa, ir à procura de colegas, parentes e amigos. Grandes e pequenos, jovens ou velhos, convidava a todos para irem à sua casa; em seguida pedia que se ajoelhassem e fazia com eles alguma oração; depois subia numa cadeira, que para ele se tornava um púlpito, e dali fazia o sermão, isto é, repetia as pregações ouvidas na igreja ou contava exemplos edificantes. Era de pequena estatura e pode-se dizer que o seu corpo se concentrava quase todo na sua voz; por isso, os ouvintes, ao ver aquele rosto angélico, aquela boca da qual saíam expressões tão superiores à idade, se enchiam de maravilha e repetiam as palavras proferidas pelos que acompanharam o nascimento de São João Batista: o que será que vai ser desse menino? *Quis putas puer iste erit?* [Lc 1,66].

Vós, moradores de Castelnuovo que, atônitos, ouvindo o menino Cafasso, perguntastes o que ele haveria de ser, então não podíeis saber, mas eu agora estou em condições de responder à vossa pergunta. Aquele menino modelo de virtude nas aulas, aquele que os mestres proporão como exemplo de diligência aos colegas, será o espelho de devoção, deverá guiar tantos transviados pelo caminho da virtude, confirmar tantos bons no caminho do bem; ele será o pai dos pobres, a alegria dos pais; será quem em breve chegará a tal grau de virtude a ponto de não conhecer outro caminho senão o que leva para a igreja e para a escola; será aquele que após ter passado quinze anos no estudo e na virtude resolve dar-se integralmente a Deus no estado eclesiástico; trabalhar unicamente para a glória de Deus; será aquele que um dia, feito mestre do clero, conquistará muitos dignos ministros para a Igreja e ganhará muitas almas para o céu.

III. Vida clerical do padre Cafasso

Aqui a brevidade me obriga a omitir muitos fatos para passar logo ao momento feliz para mim quando tive o primeiro encontro com ele. Era o ano de 1827 e em Merialdo, que é um povoado próximo a Castelnuovo d’Asti, se festejava a Maternidade de Maria Santíssima, solenidade principal entre aqueles moradores. Muitos estavam ocupados com alguma coisa em casa ou na igreja, enquanto outros só assistiam ou tomavam parte em jogos ou em algum divertimento.

Vi somente uma pessoa longe do espetáculo; era um clérigo, pequeno de estatura, olhos brilhantes, ar afável, rosto angelical. Estava apoiado à porta da igreja. Eu me senti atraído pelo seu semblante, e embora tivesse somente doze anos, todavia, movido pelo desejo de falar-lhe, me aproximei e lhe disse: “Senhor padre, desejais ver algum espetáculo da nossa festa? Eu vos posso levar de bom grado aonde quiser”.

Ele graciosamente me fez sinal para me aproximar e começou a perguntar pela minha idade, pelo estudo, se eu já tinha sido promovido à santa comunhão, com que frequência me confessava, aonde ia para o catecismo e coisas semelhantes. Fiquei encantado com esse modo de falar edificante; respondi de boa mente a todas as perguntas; em seguida, como para agradecer-lhe a afabilidade, repeti a proposta de acompanhá-lo para ver algum espetáculo ou alguma novidade.

– Meu caro amigo, ele respondeu, o espetáculo dos padres são as celebrações da igreja; quanto mais devotamente são celebradas, tanto mais nos agradam os nossos espetáculos. As nossas novidades são as práticas da religião, que são sempre novas e por isso devem ser frequentadas com assiduidade; eu somente estou esperando que se abra a igreja para poder entrar.

Criei coragem para continuar a conversa e acrescentei: “É verdade o que me dizeis; mas há tempo para tudo; tempo para ir à igreja e tempo para nos divertir”.

Ele sorriu e concluiu com estas palavras memoráveis, que foram como o programa de ação de toda a sua vida: “Quem abraça o estado eclesiástico se vende ao Senhor; e do que há no mundo, nada mais deve estar-lhe a peito a não ser o que pode contribuir para a glória de Deus e o bem das almas”.

Então, maravilhado, eu quis saber o nome daquele clérigo cujas palavras e cujo comportamento manifestavam tão bem o espírito do Senhor. Fiquei sabendo que era o clérigo José Cafasso, do 1º ano de teologia, do qual muitas vezes eu já tinha ouvido falar como de um modelo de virtude.

Se houvesse tempo para narrar detalhadamente as virtudes luminosas que ele mostrava nos anos do seu tempo de clérigo, tanto na própria terra

como no seminário de Chieri, quantos fatos interessantes e edificantes poderia expor-vos! Digo somente que a caridade para com os colegas, a submissão aos superiores, a paciência em suportar os defeitos dos outros, o cuidado para nunca ofender ninguém, a amabilidade com que aceitava, aconselhava, favorecia os seus companheiros, a indiferença quanto ao que era servido à mesa, a resignação na mudança das estações, a prontidão em dar catecismo, o comportamento edificante em qualquer lugar, a solicitude no estudo e no que se refere à piedade, são os dotes que adornaram a vida clerical do padre Cafasso; dotes que, praticados em grau heroico, fizeram com que fosse comum entre seus colegas e amigos dizer que o clérigo Cafasso não tinha pecado original...

Chegando a este ponto, sou obrigado a omitir uma longa série de fatos edificantes do clérigo Cafasso para dispor de tempo e dizer alguma coisa da sua vida sacerdotal.

IV. Vida sacerdotal pública do padre Cafasso

Mas quem és tu, pergunto a mim mesmo, que pretendes expor as gestas maravilhosas deste herói? Não sabes que as mais belas ações que ele realizou são conhecidas só por Deus? E não sabes que penas mais douradas deveriam escrever grossos volumes para falar dignamente dos fatos que o mundo conhece a seu respeito? Eu sei: e vos asseguro que me sinto como um menino que para fazer um ramalhete de flores entra num jardim e o vê repleto de flores tão belas e variadas que fica confuso e não sabe o que colher. Assim, querendo falar das virtudes sacerdotais do padre Cafasso, não sei por onde começar, nem o que dizer antes ou depois. Por isso, limito-me a recolher e juntar num pequeno ramalhete as virtudes que nele resplandeceram de modo particular na sua vida sacerdotal pública, na sua vida particular e mortificada. Começemos pela vida pública.

O seu zelo, a sua facilidade em expor a palavra de Deus, o sucesso das suas pregações fazia com que todos o procurassem para pregar tríduos, novenas, exercícios espirituais e missões ao povo dos nossos povoados. Corajosamente ele se fazia tudo para todos a fim de ganhar a todos para Jesus Cristo. Mas depois de alguns anos, não podendo mais suportar tão graves e contínuas fadigas, teve que se limitar a pregar ao clero, que parecia ser a porção da sociedade humana confiada a ele de modo especial pela divina Providência. Aqui, quem pode enumerar o grande bem que fez mediante os exercícios espirituais, as conferências públicas e privadas, ao oferecer livros e meios pecuniários para os sacerdotes que deles não dispunham, a fim de que pudessem realizar os seus estudos e exercer dignamente o seu ministério?

Pertence à vida pública do padre Cafasso a solicitude que tinha especialmente para com os jovens pobres. A uns ele instruía nas verdades da fé; a outros providenciava roupas para que pudessem frequentar decentemente a igreja e encontrar trabalho junto a algum patrão honesto; a outros ainda pagava as despesas do aprendizado ou providenciava pão até quando pudessem ganhar alguma coisa e viver por conta própria. Começou a pôr em prática este espírito ardente de caridade quando ainda era clérigo e com zelo redobrado fez com que ele resplandecesse cada vez mais quando foi sacerdote. O padre Cafasso foi o primeiro catequista deste nosso Oratório e seu constante promotor e benfeitor durante a vida e ainda mesmo depois da morte.

Pertencem à vida pública do padre Cafasso os dias inteiros que ele passava nas prisões para pregar, confortar, catequizar aqueles presos infelizes e ouvir-lhes a confissão. Aqui não sei o que merece mais louvor, se a sua coragem ou a sua caridade. Aliás, sua ardente caridade lhe inspirava uma coragem heroica. Dos muitíssimos atos de que fui testemunha, escolho o seguinte: escutai-o, que é interessante.

A fim de preparar os presos para celebrar uma festa em honra de Maria Santíssima tinha empregado uma semana inteira instruindo e animando os de uma repartição de mais ou menos quarenta e cinco dentre os mais famosos. Quase todos tinham prometido confessar-se na véspera da solenidade. Mas, chegado o dia fixado, nenhum deles se decidia ao santo empreendimento. Renovou o convite, lembrou brevemente o que tinha dito nos dias anteriores, recordou-lhes a promessa que tinham feito; mas, por respeito humano ou por engano do demônio ou por outro pretexto, ninguém queria se confessar. O que fazer, então?

A caridade criativa do padre Cafasso saberá o que fazer. Ele, sorrindo, se aproxima de um que à primeira vista parecia o maior, o mais forte e robusto dos presos. Sem dizer palavra, com suas pequeninas mãos o agarra pela espessa e longa barba. O preso no começo pensava que o padre Cafasso estava brincando, por isso, de forma gentil quanto se pode esperar dessa gente, disse: “Pode me pegar por inteiro, mas deixe em paz a minha barba”.

- Não vos deixo ir embora enquanto não tiverdes vindo fazer a confissão.
- Mas eu não vou.
- E eu não vos deixo ir.
- Mas...eu não quero confessar-me.
- Dizei o que quiserdes, vós não me escapareis mais e eu não vos deixarei ir embora enquanto não vos tiverdes confessado.

– Eu não estou preparado.

– Eu vos prepararei.

Certamente, se aquele preso tivesse querido, poderia ter-se desvencilhado das mãos do padre Cafasso, bastava um empurrão, mas, por respeito pela pessoa, ou melhor, pelo fruto da graça do Senhor, o fato é que o homem se entregou e se deixou levar pelo padre Cafasso para um canto da repartição. O venerando sacerdote se sentou sobre um colchão e preparou seu amigo para a confissão. Mas o que acontece? Em poucos instantes o preso se mostra comovido e entre lágrimas e suspiros com dificuldade conseguiu terminar a declaração das suas culpas.

Então ocorreu uma coisa maravilhosa. Aquele que antes, blasfemando, recusava confessar-se, depois procurava os colegas dizendo que jamais fora tão feliz em sua vida. A partir daí, tanto fez e tanto disse que todos se convenceram e fizeram a própria confissão.

Este fato que seleciono entre milhares desse tipo, chame-se como se quiser: milagre da graça de Deus ou milagre da caridade do padre Cafasso, é forçoso reconhecer nele a intervenção da mão do Senhor ⁽⁴⁾.

O restante da vida pública do padre Cafasso que o narrem os muitos sacerdotes e leigos, ricos e pobres, que devem a ele, alguns a ciência, outros os meios para adquiri-la, outros ainda o emprego ou a felicidade de que gozam em família ou então o trabalho que exercem e o pão que comem ⁽⁵⁾.

⁴ Aqui é bom notar que naquele dia o padre Cafasso confessou até altas horas da noite, e como ninguém lhe abriu as portas da prisão, estava para ter que dormir com os presos. Mas a certa hora da noite entram os carcereiros e os guardas armados com fuzis, pistolas e chicotes e começam a fazer a costumeira revista, com tochas espetadas na ponta de longas varas de ferro. Iam daqui para lá, observando se por acaso havia alguma abertura nos muros ou no chão, e se não estavam preparadas tramas ou desordens entre os prisioneiros. Ao ver um desconhecido, todos começam a gritar: quem está aí? E sem esperar resposta o rodeiam e ameaçam, dizendo: o que fazeis aqui, quem sois vós, para onde quereis ir? O padre Cafasso queria falar, mas não lhe foi possível, pois os carcereiros em coro gritam: paraí, paraí! E disse quem sois. “Sou o padre Cafasso”. “Padre Cafasso...! Como... a essa hora ... por que não fostes embora antes? Nós não podemos mais deixar-vos sair sem relatar o fato ao diretor das prisões”. “A mim não importa; relatai a quem quiserdes, mas tende cuidado, pois ao anoitecer é vossa obrigação vir e fazer sair todos os estranhos da prisão. Este era o vosso dever, e sois culpados por não tê-lo feito”. Então todos se calaram e tratando o padre Cafasso com gentileza, pedindo-lhe para não tornar público o acontecido, lhe abriram a porta e o acompanharam até sua casa (nota no texto original).

⁵ Eu conheço muitos que por sua condição pobre e pelas graves desgraças ocorridas em família não podiam enveredar por nenhuma carreira. Atualmente, destes, alguns são párocos, vice-párocos, professores; outros são tabeliães, advogados, médicos, farmacêuticos, causídicos. Outros ainda administradores de propriedades, donos de tabernas, negociantes e comerciantes: todos estes lamentam no padre Cafasso a perda de um terno pai, dão glória à verdade, dizendo: O padre Cafasso foi nosso benfeitor, ele nos ajudou a vestir-nos, a pagar a pensão, a enfrentar os exames; ele nos aconselhou, nos recomendou, nos sustentou espiritual e corporalmente. A ele devemos a honra, o nosso estudo, o nosso emprego, o pão que comemos (nota no texto original).

Que o narrem os muitos enfermos por ele confortados, os moribundos assistidos, as longas filas de penitentes de todas as idades e condições que todos os dias e a qualquer hora do dia encontravam nele um pio, douto e prudente diretor de suas consciências.

Que o narrem tantos infelizes condenados ao último suplício que, entregues ao desespero, não queriam saber de religião, mas que, assistidos e, diria, vencidos pela irresistível caridade do padre Cafasso, morreram da maneira mais confortadora, deixando a certeza moral da sua salvação eterna.

Oh! Se o paraíso viesse narrar-nos a vida pública do padre Cafasso, eu creio que milhares e milhares de almas diriam em alta voz: se nós estamos salvos, se gozamos da glória do céu, somos devedores da caridade, do zelo, das fadigas do padre Cafasso. Ele nos salvou dos perigos, nos arrancou da orla do precipício do inferno, ele nos encaminhou para o paraíso.

V. Vida sacerdotal privada do padre Cafasso

Deixemos agora a vida pública do padre Cafasso para entreter-nos um momento com sua vida particular. Por vida particular entendo especialmente o exercício das virtudes praticadas em suas ocupações pessoais e familiares, nas situações que em geral pouco aparecem aos olhos do mundo, mas que talvez sejam as mais meritórias diante de Deus. E aqui, que longa série de fatos edificantes e de virtudes luminosas surgem diante dos nossos olhos! Quantas mortificações, penitências, abstinências, orações, jejuns entre as paredes da sua casa. Cada momento livre do seu sagrado ministério era usado em prolongadas audiências que podemos dizer eram ilimitadas. Estava sempre pronto para receber, consolar, aconselhar e confessar no seu próprio quarto. Às vezes andava tão cansado que não podia mais ouvir o som da voz; era frequente também ter que tratar com gente rude que nada entendia e nunca estava satisfeita com nada; apesar disso, sua face se mantinha sempre serena, era afável nas palavras, nunca deixava transparecer um gesto que significasse impaciência.

Oh, se as paredes daquela afortunada residência pudessem falar, de quantas virtudes, de quantos atos de caridade, de paciência, de sofrimento, prestariam glorioso testemunho! Sempre afável, benfazejo, nunca deixava alguém sair de junto de si sem tê-lo confortado espiritual ou materialmente, ou pelo menos sem antes lhe ter inspirado algum pensamento útil para a alma. A multidão dos que pediam para lhe falar o obrigava a ser muito expedito. Por isso, sem se perder em cumprimentos ou cerimônias, entrava logo no assunto e com surpreendente desenvoltura, ao primeiro aceno, já compreendia o que

se queria dizer e dava pronta, franca e completa resposta. Mas fazia isso com humildade, com respeito e com tal presteza que uma pessoa muito estimada não soube exprimir diversamente esta singular prerrogativa do padre Cafasso senão dizendo: “Sua presença era insignificante em termos humanos, mas tudo nele era caridade”.

Sabia e o pregava, que todo pedacinho de tempo é um grande tesouro, por isso, aproveitava de todos os momentos e ocasiões para fazer o bem. Ao subir ou descer as escadas, ao ir ou vir da visita aos enfermos ou aos presos, em geral era sempre acompanhado por alguém com quem falava de assuntos do sagrado ministério ou dizia palavras de conforto a pessoas que de outra maneira não teriam podido falar com ele.

Após as refeições fazia um pouco de recreio. Este era o tempo da maravilhosa escola do padre Cafasso. Aqui os seus alunos sugavam como leite a maneira gentil de viver em sociedade, de tratar com o mundo sem se fazer escravo do mundo e de se tornarem verdadeiros sacerdotes providos das virtudes necessárias para formar ministros capazes de dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Nada, porém, é tão maravilhoso na vida particular do padre Cafasso quanto a exatidão na observância das normas do Colégio Eclesiástico de São Francisco. Como superior, poderia ter-se dispensado de várias coisas, seja por motivo da saúde frágil, seja pelas ocupações que de certo modo o sufocavam. Mas ele tinha fixo em sua mente que a melhor maneira de mandar de um superior consiste no bom exemplo, em preceder os súditos no cumprimento dos próprios deveres. Por isso, nas coisas mais pequeninas, nas práticas de piedade, na pontualidade na hora das conferências, no tempo da meditação, das refeições, ele era como uma máquina que o som da campainha levava quase instantaneamente ao cumprimento de determinado dever.

Lembro-me de que um dia, por necessidade, lhe foi trazido um copo de água. Já o tinha na mão, quando ouviu tocar a campainha para a recitação do terço. Não tomou a água, pôs o copo sobre a mesa e foi imediatamente participar da prática de piedade. “Tome, eu lhe disse, e depois chegará ainda em tempo para essa oração”. “Quereis, me respondeu, quereis preferir um copo de água a uma oração tão preciosa como é o terço que dizemos em honra da Maria Santíssima?”.

VI. Vida mortificada do padre Cafasso

Parte da vida particular do padre Cafasso é a secreta, mas contínua mortificação de si mesmo. Aqui descobrimos sua grande arte para se santificar.

Pensa-se com fundamento que ele usava cilício, colocava objetos incômodos na cama, fazia outras graves penitências. Por ora, porém, deixo essas coisas de lado. Digo somente o que eu e todos os que o conheceram vimos. Embora cansado, nunca se apoiava, nem com o cotovelo, nem de outra forma, para repousar; nunca cruzava as pernas. À mesa, nunca dizia: “Isto me agrada ou não”; tudo estava conforme o seu gosto. Desde a mais jovem idade tinha reservado alguns dias para atos particulares de mortificação. O sábado era dedicado com rigoroso jejum a Maria Santíssima. Mas, que digo do jejum do sábado, se todas as semanas, todos os meses, o ano inteiro, para ele era um rígido e espantoso jejum? Diminuí o número das refeições e se limitou a comer uma só vez ao dia; sua comida era uma sopa e um pequeno bocado de outra coisa qualquer. Alguns, vendo essa prolongada austeridade, respeitosamente o repreenderam, acenando ao dano que teria causado à sua saúde. “Use de algum cuidado, lhe diziam; se não quiser fazer isso por amor de si mesmo, faça-o pelo bem dos outros”. Ele, sorrindo, respondia: “Estou melhor de saúde fazendo assim”. Entretanto, aumentando cada dia a prostração das suas forças, concluía dizendo: “Paraíso! Paraíso! Que força e saúde tu darás aos que em ti entrarem!”. Podia estar entanguido de frio, sufocado de calor, banhado de suor, nunca buscava conforto, nem era ouvido proferir palavras de lamento ou de pena.

Em todas as épocas do ano passava muitas horas ouvindo as confissões dos fiéis e com frequência entrava no confessionário às seis da manhã e só saía dali às doze. Ao ficar imóvel assim por longo tempo, mesmo quando o frio era intenso, ao sair e ir para a sacristia, perdia o equilíbrio e devia apoiar-se de banco em banco para não cair; às vezes no meio da igreja era forçado a se ajoelhar ou a se sentar. Diante disso, todos se sentiam comovidos e muitos queriam comprar-lhe um banquinho aquecedor sobre o qual poderia apoiar os pés e defender-se da crueza da estação. Com receio de que não aceitasse caso se falasse com ele antes, o clérigo da sacristia comprou o tal banquinho e sem que ele soubesse o levou para o confessionário antes que nele entrasse. Logo que viu aquele objeto de comodidade, como ele o chamava, o afastou com um pé para um canto do confessionário e depois ordenou que nunca mais fosse posto lá, dizendo: “Essas coisas são inúteis, dão a ideia de demasiados cuidados num padre que não tem necessidade disso”.

Fizeram-lhe diversas observações, mas nem nesta nem em outras circunstâncias foi possível dobrá-lo a temperar o ardor da penitência que certamente contribuiu para consumir uma vida tão preciosa.

Não se dava a nenhum tipo de divertimento. Em trinta e dois anos que eu o conheci, nunca o vi tomar parte em algum jogo de cartas, de xadrez, bilhar

ou qualquer outra diversão. Convidado por alguém a um desses divertimentos, respondeu: “Tenho bem outras coisas para me divertir. Quando não tiver mais nenhuma ocupação, então irei divertir-me”.

– Quando será esse tempo?

– Quando estivermos no paraíso.

Além de mortificar constantemente os sentidos do corpo, era grande inimigo de qualquer hábito, mesmo indiferente. Costumava dizer: “Devemos habituar-nos a fazer o bem e não outras coisas. O nosso corpo é insaciável. Quanto mais lhe dermos, mais ele pede; quanto menos se dá, menos ele pede”.

E assim, nunca quis acostumar-se ao tabaco, nem a comer doces e tomar bebidas especiais, com exceção das receitadas pelo médico. Durante seus estudos, no colégio, no seminário, não quis tomar café nem comer frutas de manhã ou na hora da merenda.

Vivia no Colégio Eclesiástico havia dez anos, era já prefeito de conferências, e o seu café da manhã consistia ainda em alguns pedaços de pão seco. Em vista das duras fadigas suportadas, um dia eu lhe disse para tomar alguma coisa mais de acordo com sua frágil compleição: “Infelizmente, respondeu com hilaridade, chegará o tempo em que será preciso conceder alguma coisa a mais a este corpo; mas não quero satisfazê-lo enquanto puder dispensar essas regalias”.

Somente alguns anos mais tarde a obediência o obrigou a temperar essa rígida maneira de viver. Apesar de sua frágil compleição e da sua saúde instável, nunca quis se habituar a alguma comida especial; pelo contrário, a diminuiu sempre mais até que, como disse há pouco, limitou-se a uma só refeição ao dia; essa refeição consistia numa sopa e alguma coisa qualquer.

Embora sujeito a muitos incômodos, não quis prolongar por um momento sequer seu descanso noturno, que era somente de cinco escassas horas todas as noites. Assim, mesmo no inverno mais rigoroso, que era quando sofria de maiores incômodos de estômago, de cabeça, de dentes, de tal modo que mal podia ficar em pé, antes das quatro da manhã já estava de joelhos, rezando, meditando ou desempenhando alguma ocupação especial.

Este teor de vida laboriosa, penitente, de oração, de caridade, de fadigas e abnegação, ele a praticou até a morte, que o alcançou no momento em que nós tínhamos mais necessidade dele, num momento por nós inesperado, mas por ele aguardado com calma e para o qual toda a sua vida foi uma constante preparação.

Tu, ó tempo, porque foges tão depressa e me obrigas a calar tantas coisas que eu ainda gostaria de narrar? Embora meu discurso já seja um tanto longo,

espero que assim mesmo queirais ter um momento de paciência para ouvir a narração das últimas horas do padre Cafasso. Farei isso depois de breve respiro.

VII. Sua santa morte

Estendamos um véu sobre os acontecimentos que certamente contribuíram para nos privar de uma pessoa tão querida, útil e preciosa. Digamos somente que uma vida tão pura, tão santa, tão semelhante à do Salvador, fatalmente devia ser paga pela ingratidão do mundo, que não o conheceu; daquele mundo em favor do qual tinha empregado seus haveres, sua saúde e sua vida. Nisto nós adoramos os decretos misteriosos da divina Providência.

É verdade de fé que na hora da morte o homem recolhe os frutos do que semeou ao longo da vida: *quae seminaverit homo, haec et metet* [Gl 6,8]. Ora, padre Cafasso, tendo vivido uma vida cheia de boas e santas obras, também boa e santa devia ser sua morte. Ele mesmo o tinha dito aos familiares e o repetia com frequência, especialmente nas conferências morais: “Feliz daquele padre que consome sua vida pelo bem das almas; mais feliz ainda o que morre trabalhando pela glória de Deus; certamente receberá uma grande recompensa por parte do supremo patrão para quem trabalhou”.

Agora, repetindo suas palavras, nós diremos: Feliz sois vós, padre Cafasso, que consumastes a vossa vida em promover a glória de Deus e a salvação das almas; sois ainda mais feliz, vós que terminastes a vida em meio às fadigas do sagrado ministério.

Creemos com fundamento que ele recebeu de Deus especial revelação quanto ao dia e à hora da sua morte, do que deu sinais praticamente certos às pessoas que nos últimos dias tiveram a fortuna de poder conversar com ele. Costumava acertar suas coisas todos os dias como se estivesse sempre às vésperas da morte. Antes de deitar, todas as noites dispunha tudo em casa como se aquela fosse a última noite de sua vida. Entretanto, os três dias que precederam a sua doença, passou-os quase sempre fechado no quarto. Organizou tudo o que se referia ao andamento do Colégio Eclesiástico. Deu ordens oportunas aos seus familiares; respondeu algumas cartas; organizou seus escritos, pôs no lugar toda a papelada; anotou algumas coisas a acrescentar às suas disposições testamentárias; em seguida fez o exercício da boa morte que ele costumava fazer inalteravelmente uma vez por mês.

Entretanto chegou a manhã do dia 11 de junho do ano atual; e o padre Cafasso o que faz? Ele tem tudo em ordem, tudo está preparado para sua viagem para a eternidade. Caminha pelo seu quarto esperando a voz do Senhor que

lhe diga: Vem! Mas, quem diria? Pensando na situação das suas forças, tem a impressão de que ainda pode empregar alguns momentos para o bem das almas. Com ânimo alegre, fatigado, deixa o quarto e vai para o confessionário e lá passa várias horas ouvindo as confissões dos fiéis, daqueles fiéis que ele, com singular doutrina, prudência e piedade guiava pelo caminho do céu. Observou-se, porém, que seu modo de confessar já não era o mesmo. A todos recomendava que desapegassem o coração das coisas terrenas; que amassem a Deus Criador com todas as forças; que pedissem que quanto antes nos tirasse das preocupações da vida para conceder-nos um belo paraíso. “Oh, paraíso, paraíso, disse a um penitente, por que tu não és procurado, desejado por todos? Por que ainda demoras, por que, por quê...?”. Mas o homem vale o que vale um homem; o ardor de conquistar almas para Deus continua naquela grande alma; as forças, porém, lhe faltam. É forçado a deixar aquele confessionário, onde pelo espaço de cerca de vinte e cinco anos tinha sido fiel dispensador dos favores celestes em favor de tantas almas, e deve abandoná-lo para nunca mais voltar a ele.

Com passos lentos volta para seu quarto. Antes, porém, de se deitar, se ajoelha e diz estas palavras memoráveis que conservava por escrito: “A dor que eu provo, Senhor, por não vos ter amado, o desejo que sinto sempre mais de vos amar, me tornam desagradável e pesada esta vida e me impelem a pedir-vos queirais abreviar os meus dias sobre a terra e a perdoar-me o purgatório na outra vida, de tal modo que bem depressa eu possa ir gozar convosco no paraíso...”. Não pôde mais falar e para não cair sem forças foi para o leito em torno das onze da manhã.

A doença tinha afetado seus pulmões, com fluxo de sangue para o estômago. Os médicos fizeram o que sua arte lhes sugeria, mas tudo foi em vão. Quase todos os dias lhes parecia que o enfermo melhorava, mas na realidade, como ele mesmo dizia, se aproximava sempre mais do momento de voar para o céu.

Desde o primeiro dia de doença ele disse francamente que não sararia mais e que desejava partir para o paraíso.

A quem lhe perguntava se estava melhor, respondia sempre: Como Deus quer. Recomendava-se às orações de todos. Um dia me disse que em casa pedisse aos jovens que fizessem orações especiais: “Já as fizemos, lhe respondi, e continuaremos a rezar; mas eu disse aos nossos jovens que depois viríeis um dia dar a bênção com o Santíssimo Sacramento”. “Ficai tranquilo, respondeu: ide, rezai e dissei aos vossos jovens que abençoarei a todos desde o paraíso”.

Perguntando se tinha alguma coisa a mandar escrever, a lembrar, algum encargo a deixar, ele me olhou sorrindo e disse: “Seria engraçado se eu tivesse

esperado esta hora para ajeitar meus assuntos. Tudo está pronto para mim no mundo; só me falta uma coisa para acertar com Deus: é que na sua grande misericórdia queira dar-me logo o paraíso”.

Uma singularidade era notada por todos: a de receber com sua tradicional bondade todos os que chegavam perto do seu leito; mas depois de alguns minutos fazia sinal para que o deixassem, pois ele não queria que ninguém permanecesse junto dele além do tempo requerido por restrita necessidade. Por isso, ao sair, às vezes eu ficava a observá-lo desde a porta do seu quarto. Então eu o via juntar as mãos, beijar repetidamente o crucifixo, em seguida com o olhar voltado para o céu falar ininterruptamente como quem conversa de modo familiar.

Então me convenci de que ele desejava ficar sozinho para poder entreter-se livremente com Deus. Todavia, um dia, ficando a sós com ele, criei coragem e lhe disse que era melhor ter sempre alguma pessoa junto ao leito, seja para servir-lhe o de que precisava, seja também para dizer-lhe alguma palavra de conforto. “Não, respondeu imediatamente, não”. Em seguida, voltando os olhos para o céu, disse com força: “Não sabeis que cada palavra dita aos homens é uma palavra roubada ao Senhor?”.

Inclusive, quando a doença lhe ameaçava a vida, na própria agonia, preferia ficar sozinho; aliás, não dava sinal de satisfação nem mesmo quando lhe sugeriam jaculatórias, como se essas orações interrompessem seu colóquio com Deus. Dizia, porém, a todos que rezassem por ele e que o recomendassem à proteção da Bem-aventurada Virgem e de São José. Uma pessoa de grande autoridade, que sempre foi próxima do padre Cafasso ao longo da vida, o visitou diversas vezes durante a doença; depois de reparar atentamente seu comportamento, o que dizia e fazia, disse francamente: “O padre Cafasso não precisa de nossas sugestões; está em comunicação direta com Deus; ele se entretém em familiares colóquios com a Mãe do Salvador, com seu Anjo da Guarda e com São José”.

Muitas coisas eu deveria contar-vos a respeito da sua admirável paciência em tolerar o mal, das palavras dirigidas aos seus amigos, da bênção dada a muitos e especialmente aos seus queridos padres do Colégio Eclesiástico, do modo edificante como recebeu os últimos sacramentos; mas tudo isso causaria grande comoção e eu não poderia suportar sua narração.

Dir-vos-ei somente que, comparando a doença e a morte do padre Cafasso com a de São Carlos Borromeu, de São Francisco de Sales, de São Filipe Neri e de outros grandes santos, posso afirmar que ela foi igualmente preciosa aos olhos de Deus. E como poderia ser diversamente? Se santa foi sua vida, por que não deveria ser igualmente santa a sua morte?

Foi grande devoto de Maria e constante promotor da devoção para com a mãe celeste. Todos os dias, e pode-se dizer a cada momento, fazia alguma prática ou rezava alguma jaculatória em sua honra. O sábado era o dia todo para Maria. Passava-o em rigoroso jejum; tudo o que ele pedia nesse dia lhe era imediatamente concedido. Muitas vezes expressou o desejo de morrer num dia de sábado. Frequentemente ao longo da vida dizia e até o deixou escrito: “Que bela morte morrer por amor de Maria. Morrer pronunciando o nome de Maria. Morrer no momento mais glorioso para Maria. Expirar entre os braços de Maria. Partir para o paraíso com Maria. Gozar eternamente junto a Maria”.

Oh alma feliz! Os teus desejos foram satisfeitos. Tu estás no décimo terceiro dia da tua doença; é dia de sábado; dia de Maria; há poucas horas recebeste o sacratíssimo corpo de Jesus. Pois bem, Jesus te chama e quer dar-te o paraíso que tanto desejas, pelo qual empenhaste toda a tua vida. Maria, tua mãe, de quem foste tão devoto, agora te assiste e ela mesma quer conduzir-te ao céu. E eis que o nosso padre Cafasso sorri... e dá o último suspiro... Sua alma, com Jesus e com Maria, voa para gozar da bem-aventurada eternidade.

Nós temos fundada esperança de que após morte tão preciosa aos olhos de Deus, a alma do padre Cafasso nem sequer tocou as penas do purgatório e voou imediatamente para o paraíso. Por isso, ao invés de convidar-vos a rezar por ele, preferiria sugerir-vos que recorrêsseis à sua celeste intercessão. Como, porém, Deus santíssimo e puríssimo encontra manchas até nos próprios anjos, assim nós, cumprindo um dever de gratidão e amizade, oferecemos a Deus alguma oração, uma comunhão, uma esmola, alguma obra de caridade em sufrágio do nosso pranteado benfeitor. E se essas obras não forem mais necessárias para livrá-lo das penas do purgatório, servirão para sufragar as almas que nele sofrem, para cujo alívio tanto trabalhou durante sua vida mortal e que tanto recomendou que fossem sufragadas.

Coragem, ouvintes, ainda um momento. Entre as últimas palavras do padre Cafasso, estas são verdadeiramente dignas de eterna lembrança: “Quando tiver descido ao sepulcro, desejo e peço ao Senhor que faça desaparecer da terra a minha memória, de tal modo que mais ninguém tenha que pensar em mim, a não ser os fiéis que na sua caridade quiserem, como espero, rezar pela minha alma. Eu aceito em penitência dos meus pecados tudo o que depois da minha morte se disser no mundo contra mim”.

Caro padre Cafasso, esta vossa oração não será atendida; vós desejáveis humilhar-vos de modo que a vossa glória fosse convosco para o túmulo. Mas Deus quer diversamente. Deus quer que a vossa grande humildade seja exaltada e vós sejais coroado de glória no céu. A vossa memória é a dos justos: ela dura eternamente. *In memoria aeterna erit iustus* [Sl 111,7].

A vossa memória durará junto aos sacerdotes, porque fostes para eles modelo de santidade de vida e mestre na ciência do Senhor. A vossa memória durará junto aos pobres, que choram vossa morte como a de um terno pai; durará junto aos vacilantes, aos quais destes santos e salutareos conselhos; junto aos aflitos, aos quais confortastes de tantas maneiras; junto aos agonizantes por vós consolados; nas prisões onde aliviastes tantos infelizes; junto a tantos condenados que a vossa caridade mandou para o céu. Durará junto aos vossos amigos, e amigos vossos são todos os que vos conheceram; junto a todos os que estimam os grandes benfeitores da humanidade, como fostes vós ao longo de toda a vossa vida mortal. Finalmente, a vossa memória durará entre nós, porque a caridade que tivestes para conosco na terra nos garante que vós sois o nosso protetor junto a Deus, agora que, glorioso, estais no céu.

Portanto, vive eternamente com Deus, alma grande, alma fiel. O tempo dos sofrimentos para ti já passou; não mais penas, não mais aflições, não mais doenças, não mais desgostos; não mais morte, não mais. Deus é a tua recompensa; tu estás nele; e com ele e junto dele gozarás de todos os bens eternamente. Maria, a mãe celeste que tanto amaste e fizeste amar na terra, agora te quer junto de si para dar-te a merecida recompensa pelo afeto filial que tiveste para com ela. Entretanto, desde o centro da tua glória, volve carinhosamente teu olhar para nós que com a tua partida do mundo tornaste pobres e órfãos! Oh! intercede por nós e faze com que, vivendo segundo os teus conselhos, seguindo os luminosos exemplos de virtude que nos deixaste, possamos também nós um dia chegar à posse daquela glória que com Jesus e Maria e com todos os santos do paraíso se goza por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

296. Panegírico em honra de São Filipe Neri

ASC A2250704, manuscrito autógrafa de Dom Bosco⁶ (cf. MB IX, 213-221).

[I. Exórdio]

As virtudes e as ações dos santos, embora todas tenham o mesmo fim, isto é, a maior glória de Deus e a salvação das almas, todavia, seguem caminhos diversos para chegar ao sublime grau da santidade para o qual Deus os chama.

⁶ O panegírico de São Filipe Neri foi feito por Dom Bosco para os sacerdotes da diocese de Alba (Cúneo), por convite do bispo dom Eugênio Galletti, em maio de 1868 (cf. MB II, 46-48).

A razão parece ser esta: na maravilhosa dispensação dos seus dons, Deus, de várias maneiras e por diversos caminhos, nos chama a si a fim de que as diversas virtudes, concorrendo juntas para adornar e embelezar a nossa santa religião, cubram, por assim dizer, a Santa Igreja com o manto da variedade, para que a faça aparecer aos olhos do esposo celeste como uma rainha assentada no trono da glória e da majestade. De fato, nós admiramos o fervor de tantos solitários que, por desconfiarem de si mesmos no tempo das perseguições ou por temor de naufragar no mundo, abandonaram casa, parentes, amigos e todos os haveres para se retirarem aos desertos estéreis e habitados apenas pelas feras. Outros, como corajosos soldados do rei dos céus, afrontaram todos os perigos e desprezando o ferro, o fogo e a própria morte, ofereceram com alegria a vida, confessando Jesus Cristo e selando com o próprio sangue as verdades que corajosamente proclamavam. Uma falange de pessoas, movida pelo desejo de salvar almas, foi para terras distantes, enquanto outras, mediante o estudo, a pregação, o recolhimento e a prática das virtudes, acrescentam esplendor a esplendor à Igreja de Jesus Cristo. Há também alguns que, feitos segundo o coração de Deus, trazem em si tão grande conjunto de virtudes, de ciência, de coragem e de atos heroicos, que mostram de forma sublime quão maravilhoso seja Deus nos seus santos: *Mirabilis Deus in sanctis suis* (Sl 66, 36). Todas as épocas da Igreja são glorificadas por algum destes heróis da fé. O século dezessete, entre outros santos, possui São Filipe Neri, cujas virtudes são objeto desta respeitável assembleia e deste nosso modesto entretenimento.

Neste nosso encontro, o que se poderá dizer de um santo, cujas ações, se fossem recolhidas num compêndio, sozinhas formariam grossos volumes? Ações que, sozinhas, são suficientes para oferecer um perfeito modelo de virtudes para o simples cristão, para o fervoroso enclaustrado, para o mais laborioso eclesiástico? Por essas razões, não pretendo expor-vos difusamente todas as ações e todas as virtudes de Filipe, pois dado que vós, melhor do que eu, já as tendes lido, meditado e imitado, aqui me limitarei somente a acenar ao que é como o eixo em torno do qual se realizaram, por assim dizer, todas as outras virtudes, isto é, o zelo pela salvação das almas! Este é o zelo recomendado pelo divino Salvador quando disse: Eu vim trazer fogo à terra e que mais desejo senão que ele se acenda? *Ignem veni mittere in terram et quid volo nisi ut accendatur?* (Lc 12, 49). Zelo que fazia exclamar ao apóstolo Paulo, que estava disposto a ser anátema de Jesus Cristo em favor dos seus irmãos: *Optabam ego ipse anathema esse a Christo pro fratribus meis* (Rm 9, 3).

Mas, em que situação crítica acabei me metendo, senhores! Eu, que apenas poderia ser vosso aluno, pretendo agora ser vosso mestre? É verdade, e precisamente para fugir da acusação de temerário, peço preventivamente vossa benévola compreensão, se na minha pequenez não puder corresponder

à vossa expectativa. Quanto ao mais, espero tudo da graça do Senhor e da proteção do nosso Santo.

[II. Filipe em Roma]

A fim de iniciar o assunto proposto, ouvi um curioso episódio. É de um jovem que, com apenas vinte anos, movido pelo desejo da glória de Deus, abandona os próprios pais, de quem era filho único, renuncia aos abundantes haveres do pai e de um tio rico que o deseja como herdeiro, e sozinho, sem ninguém saber, sem meios de nenhuma espécie, apoiado só na divina Providência, deixa Florença, vai para Roma. Agora observai-o: ele é caridosamente acolhido por um seu concidadão (Galeotto Caccia); lá está, parado num canto do pátio da casa; seu olhar contempla a cidade, absorto em graves pensamentos. Aproximemo-nos e o interroguemos.

– Jovem, quem sois vós e o que contemplais com tanta ansiedade?

– Eu sou um pobre jovem forasteiro; contemplo esta grande cidade, e um grande pensamento ocupa a minha mente, mas receio que seja loucura ou temeridade.

– Qual?

– Consagrar-me ao bem de tantas pobres almas, de tantos meninos pobres, que por falta de instrução religiosa caminham pela estrada da perdição.

– Tendes conhecimentos?

– Só frequentei os primeiros estudos.

– Tendes meios materiais?

– Nada; só tenho um pedaço de pão que caridosamente me dá todos os dias o meu patrão.

– Tendes igrejas, casas?

– Nada tenho, a não ser um quarto baixo e estreito, cujo uso me foi cedido pela caridade. Meu armário é uma simples corda estendida entre uma parede e outra, sobre a qual ponho minha roupa e todo o meu enxoval.

– Se é assim, como quereis, sem nome, sem ciência, sem haveres e sem moradia, emprender um trabalho tão gigantesco?

– É verdade: precisamente a falta de meios e de méritos me preocupa. Por sua vez, Deus que me inspirou a coragem, Deus que das pedras suscita filhos de Abraão, aquele mesmo Deus que...

Este pobre jovem, senhores, é Filipe Neri, que está meditando a reforma dos cristãos de Roma. Ele contempla a cidade, mas, ai! como a vê? Ele a vê escrava dos estrangeiros já há tantos anos; ele a vê horivelmente ferida pelas doenças e pela miséria; ele a vê depois de ter sido assediada por três meses, combatida, vencida, saqueada e, pode-se dizer, destruída. Esta cidade há de ser o campo em que o jovem Filipe recolherá frutos copiosíssimos. Vejamos como se entrega a este empreendimento.

Com a costumeira ajuda da divina Providência, ele retoma o curso dos estudos, frequenta a filosofia e a teologia, e seguindo conselhos do seu diretor se consagra a Deus no estado sacerdotal. Com a sagrada ordenação recobra seu zelo pela glória de Deus. Filipe, tornando-se sacerdote, como Santo Ambrósio se convence de que com o zelo se conquista a fé e com o zelo o homem é conduzido à posse da justiça. *Zelo fides acquiritur, zelo iustitia possidetur* (Sanctus Ambrosius, *in Psal. 118*).

Filipe está persuadido de que nenhum sacrifício é tão agradável a Deus quanto o zelo pela salvação das almas. *Nullum Deo gratius sacrificum offerri potest quam zelus animarum* (Greg. M. *in Ezech.*). Movido por estes pensamentos, parece-lhe que turbas de cristãos, especialmente de meninos pobres, continuamente gritam com o profeta contra ele: *Parvuli petierunt panem, et non erat qui frangerit eis* (Lm 4, 4). Mas quando ele pôde frequentar as oficinas públicas, penetrar nos hospitais e nas prisões e viu gente de toda idade e de toda condição entregue a rixas, blasfêmias, furtos e viver escrava do pecado; quando começou a refletir como muitos ultrajavam a Deus Criador quase sem conhecê-lo, não observavam a lei divina porque a ignoravam, então lhe veio em mente Oseias (4, 1-2), que diz: Porque o meu povo não conhece as coisas da salvação eterna, os mais abomináveis delitos inundaram a terra. Como ficou amargurado o seu inocente coração quando percebeu que grande parte daquelas pobres almas se perdia unicamente porque não era instruída nas verdades da fé. Este povo, ele exclamava com Isaías, não teve inteligência das coisas da salvação, por isso o inferno ampliou o seu espaço, abriu ainda mais suas desmesuradas fauces e ali cairão os seus fortes, o povo, os grandes e os poderosos: *Quia populus meus non habuit scientiam, propterea infernus aperuit os suum absque ullo termino; et descendunt fortes eius, et populus eius, et sublimes gloriosisque eius ad eum* (Is 5, 13-14).

À vista desses males crescentes, Filipe, a exemplo do divino Salvador, que quando iniciou a sua pregação não possuía no mundo senão aquele grande fogo da caridade divina que o impeliu a vir do céu à terra; a exemplo dos apóstolos, que não tinham meios humanos quando foram enviados a pregar o Evangelho às nações da terra miseravelmente infestadas pela idolatria, pelos

vícios ou, segundo a frase da Bíblia, sepultadas nas trevas e nas sombras da morte; então Filipe se fez tudo para todos pelas ruas, pelas praças, nas oficinas públicas; se insinua nos estabelecimentos públicos e privados e com seus modos gentis, doces, suaves que sua caridade sugere usar para com o próximo, começa a falar de virtudes, de religião, a quem não queria saber nem de uma, nem de outra. Imaginai os comentários que se espalhavam por sua conta! Uns o chamam de estúpido, outros de ignorante, outros ainda de bêbado, nem faltou quem o qualificasse de doido.

O corajoso Filipe deixa que todos digam o que quiserem; aliás, é o desprezo do mundo que lhe dá certeza de que suas obras são motivo de glória para Deus, porque o que o mundo considera sabedoria é estultice para Deus. Por isso, vai em frente, intrépido, em seu santo empreendimento. E quem pode resistir à terrível espada que é a palavra de Deus? A um sacerdote que corresponde à santidade do seu ministério?

Em pouco tempo, pessoas de todas as idades e condições, ricos e pobres, doutos e ignorantes, eclesiásticos e leigos, da mais alta classe até os aprendizes, os limpa-chaminés, os marinheiros, o pequeno, o grande construtor começam a admirar o zelo do servo de Deus; vão ouvi-lo, a ciência da fé abre caminho nos seus corações; mudam o desprezo em admiração, a admiração em respeito. Assim, em Filipe só se vê um verdadeiro amigo do povo, um zeloso ministro de Jesus Cristo que tudo conquista, tudo vence, tanto assim que todos caem como vítimas afortunadas da caridade do novo apóstolo. Roma muda de aspecto; todos se dizem amigos de Filipe, todos louvam Filipe, falam de Filipe, querem ver Filipe. Daqui partiram as conversões maravilhosas, as estrepitosas conquistas dos pecadores obstinados, de que fala longamente o autor da vida do Santo (veja Bacci)⁷.

[III. Filipe, apóstolo da juventude]

Mas Deus tinha enviado Filipe especialmente para a juventude, por isso para ela reserva especiais solitudes.

Considerava o gênero humano como um grande campo a ser cultivado. Se em tempo se semeia trigo bom, se terá uma colheita abundante; mas se a sementeira for fora de estação, se recolherá só palha e cascas⁸. Sabia também que nesse campo místico há um grande tesouro escondido, quer dizer, as almas de tantos jovens, em geral inocentes, muitas vezes perversos sem o saberem.

⁷ Pietro Giacomo BACCI, *Vita di S. Filippo Neri fondatore della congr. dell'Oratorio*. Monza, Tipografia dell'Istituto dei Paolini 1851.

⁸ [...].

Esse tesouro, dizia Filipe no seu coração, é totalmente confiado aos sacerdotes, em geral deles depende salvá-lo ou perdê-lo.

Filipe não ignorava que cabe aos pais cuidar dos próprios filhos; cabe aos patrões cuidar dos seus dependentes, mas quando estes não podem ou não são capazes ou então não querem, se deverá deixar que as almas caminhem para a perdição? Tanto mais que os lábios do sacerdote devem ser guardas da ciência e os povos têm o direito de ouvi-la da sua boca, não de outros.

Uma coisa no primeiro momento pareceu desanimar Filipe em relação ao cuidado dos meninos pobres: era a sua instabilidade, suas recaídas no mesmo mal e pior ainda. Mas logo se refez desse temor que o assustava ao refletir que muitos perseveravam no bem, que os recidivos não eram em número extraordinário e que mesmo estes, com paciência, com caridade e com a graça do Senhor, em geral acabavam por enveredar pelo bom caminho e que, por isso, a palavra de Deus era um germe que mais cedo ou mais tarde produziria o desejado fruto.

Então, Filipe, seguindo o exemplo do Salvador, que todos os dias ensinava ao povo: *erat quotidie docens in templo* (Lc 19, 47) e que carinhosamente atraía a si os meninos mais peraltas, ia por toda parte exclamando: Meus filhos, vinde a mim, eu vos indicarei o meio para vos tornardes ricos; mas ricos das verdadeiras riquezas que jamais falirão; eu vos ensinarei o santo temor de Deus: *Venite, filii, audite me: timorem Domini docebo vos* (Sl 33, 11). Essas palavras, acompanhadas pela sua grande caridade e por uma vida que era uma síntese de todas as virtudes, faziam com que turbas de meninos de todas as partes acorressem ao Santo. O qual, ora dirigia a palavra a um, ora a outro; com o estudante se fazia literato; com o ferreiro, ferreiro; com o marceneiro, marceneiro; com o barbeiro, barbeiro; com o pedreiro, chefe de obras; com o sapateiro, mestre de sapataria. Dessa maneira, fazendo-se tudo para todos, conquistava todos para Jesus Cristo. De tal modo que os juvenzinhos, atraídos por aqueles seus modos caridosos, pelas suas palavras edificantes, se deixavam conduzir para onde Filipe queria; assim, acontecia o inaudito espetáculo que pelas ruas da cidade, nas praças, nas igrejas, nas sacristias, na sua própria cela, durante a missa e mesmo em tempo de oração ele era precedido, seguido, rodeado de meninos que pendiam de seus lábios, ouviam os exemplos que ele contava, os princípios do catecismo que lhes expunha.

E depois. Ouvi. Aquelles meninos indisciplinados e ignorantes, que aos poucos eram instruídos no catecismo, pediam para se aproximar do sacramento da confissão e da comunhão; procuravam assistir à santa missa, ouvir as pregações e, pouco a pouco, paravam de blasfemar, de ser insubordinados e finalmente abandonavam os vícios, melhoravam os costumes; de tal modo que

milhares de desventurados meninos que já percorriam o caminho da desonra, teriam terminado sua vida nas prisões ou na forca, perdendo-se eternamente; pelo zelo de Filipe foram restituídos dóceis aos parentes, obedientes, bons cristãos, encaminhados pelo caminho do céu. Oh, santa religião católica! Oh, portentos da palavra de Deus! Que maravilhas operas mediante o ministro que conhece e cumpre os deveres da própria vocação!

Alguém dirá: “Essas maravilhas operou-as Filipe porque era um santo”. Eu digo diversamente: “Filipe operou essas maravilhas porque era um sacerdote que correspondia ao espírito da sua vocação”. Eu creio que, se animados pelo espírito de zelo, de confiança em Deus, nós também nos puséssemos de verdade a imitar este santo, obteríamos certamente grandes resultados na conquista das almas.

Quem de nós não pode reunir alguns meninos, dar-lhes um pouco de catecismo na própria casa ou na igreja e, se for preciso, até mesmo no canto de uma praça ou de uma rua, e lá instruí-los na fé, animá-los a se confessarem e quando for preciso ouvi-los em confissão? Não podemos nós também repetir com São Filipe: Meninos, vinde confessar-vos a cada oito dias e comungar segundo o conselho do confessor? Mas, como é que meninos dissipados, que só gostam de comer, beber e divertir-se, como é que se pode encaminhá-los para as coisas da Igreja e da piedade?

Filipe descobriu o segredo. Ouvi. Imitando a doçura e a mansidão do Salvador, Filipe se aproximava deles com bons modos, era carinhoso, a uns dava um doce, a outros uma medalha, um santinho, um livro e coisas semelhantes. Aos mais dissipados e ignorantes, que não tinham condições de apreciar os traços de benevolência paterna, preparava um alimento mais adaptado para eles: apenas podia tê-los perto de si, fazia com que lhe contassem suas historietas infantis, os convidada a cantar, a encenar teatrinhos, a pular, a se divertir de todas as maneiras.

Finalmente, os mais ariscos, os mais levianos, eram por assim dizer atraídos para os ambientes de recreio mediante instrumentos musicais, o jogo de bochas, pernas-de-pau, jogo de malhas, oferecendo-lhes frutas, bocados de comida, lanches... Toda despesa, dizia Filipe, toda fadiga, todo incômodo, todo sacrifício é pouco quando contribui para conquistar almas para Deus. Assim, os aposentos de Filipe se tinham transformado quase numa casa de encontros, lugar público de espetáculo, mas ao mesmo tempo, santa casa de oração e lugar de santificação. Assim, Roma viu um homem sozinho, sem títulos, sem meios e sem autoridade, armado unicamente da couraça da caridade, combater a fraude, o engano, os maus costumes e toda espécie de vícios, e tudo superar, tudo vencer, tanto assim que aqueles que a voz

pública chamava de lobos rapaces, acabaram se tornando mansos cordeiros. Estas pesadas canseiras, a gritaria e os incômodos que a nós parecem talvez suportáveis apenas por algum momento, foram o trabalho e as delícias de São Filipe pelo espaço de mais de sessenta anos, isto é, durante toda a sua vida sacerdotal, até a mais avançada idade, até quando Deus o chamou a gozar do fruto de tantas e tão prolongadas fadigas.

[IV. Peroração: nós devemos salvar as almas]

Respeitáveis senhores, haverá alguma coisa neste servo fiel que não possa ser imitada por nós? Não, não há. Cada um de nós, na sua condição, é suficientemente instruído, é bastante rico para imitá-lo, senão em tudo, pelo menos em parte. Não nos deixemos iludir pelo vão pretexto que às vezes nos ocorre ouvir: *Eu não sou obrigado a isso, que pensem nisso os que têm a obrigação*. Quando diziam a Filipe que, não devendo responder por cura de almas, não tinha obrigação de trabalhar tanto, ele respondia: “O meu bom Jesus por acaso tinha alguma obrigação de derramar por mim todo o seu sangue? Ele morre na cruz para salvar almas e eu que sou seu ministro me recusarei a enfrentar qualquer incômodo, qualquer fadiga para corresponder-lhe?”.

Eclesiásticos, ponhamos mãos à obra. As almas estão em perigo e nós devemos salvá-las. Nós somos obrigados a isso pelo simples fato de sermos cristãos, a quem Deus mandou cuidar do próximo: *Unicuique Deus mandavit de proximo suo* (Eclo 17, 12). Somos obrigados porque se trata das almas dos nossos irmãos, dado que todos nós somos filhos do mesmo Pai celeste. Devemos também nos sentir estimulados de forma excepcional a trabalhar para salvar almas porque esta é a mais santa das obras: *Divinarum divinissimum est cooperari Deo in salutem animarum* (Areopagita). Mas o que nos deve absolutamente impelir a cumprir com zelo este ministério são as contas estreitíssimas que nós como ministros de Jesus Cristo deveremos prestar no seu divino tribunal pelas almas que nos foram confiadas. Ah, as grandes contas, as contas terríveis que os pais, os patrões, os diretores e em geral todos os sacerdotes deverão prestar no tribunal de Jesus Cristo pelas almas a nós confiadas! Aquele momento supremo chegará para todos os cristãos, mas não nos iludamos, virá também para nós sacerdotes. Apenas formos libertados dos laços do corpo e comparecermos perante o Divino Juiz, veremos de forma muito clara quais eram as obrigações do nosso estado e qual foi a nossa negligência. Diante dos olhos aparecerá a imensa glória preparada por Deus para os seus fiéis e veremos as almas... Sim, tantas almas que deviam ir gozar a glória do paraíso e que por nosso descuido em instruí-las na fé se perderam!

Senhores, que diremos nós ao divino Salvador quando nos dirá como para salvar as almas ele deixou a direita do seu Divino Pai, veio sobre a terra:

erat quotidie docens in templo [Lc 19,47]: ele não olhou para fadigas, suores, trabalhos, humilhações, contradições, cansaços, sofrimentos de todo tipo, e finalmente derramou o seu sangue até a última gota para salvar almas? O que poderemos responder nós que nos entregamos a um tranquilo repouso e talvez a passatempos e quem sabe a coisas piores?

Que situação terrível a de um sacerdote quando comparecer diante do Juiz Divino que lhe dirá: “Olha lá em baixo o mundo: quantas almas caminham pelo caminho da iniquidade e batem à estrada da perdição. Estão na má vida por culpa tua: tu não te ocupaste em fazer-lhes ouvir a voz do dever, não as procuraste, não as salvaste. Outras por ignorância, de pecado em pecado, já estão no inferno. Oh! Vê quão grande é seu número. Aquelas almas gritam por vingança contra ti. Agora, servo infiel, *serve nequam*, presta-me contas. Presta-me contas daquele tesouro precioso que te confiei, que custou minha paixão, meu sangue, minha morte. Tua alma seja pela alma de quem por culpa tua se perdeu: *Erit anima tua pro anima illius*”.

Não, porém, meu bom Jesus, nós esperamos na vossa graça e na vossa infinita misericórdia que não haja esta reprovação para nós. Nós estamos intimamente persuadidos do grande dever que nos obriga de instruir as almas para que por culpa nossa não se percam miseravelmente. Por isso, para o futuro, por todo o tempo de nossa vida mortal, teremos a maior solicitude a fim de que nenhuma alma se perca por culpa nossa. Deveremos enfrentar fadigas, trabalhos, pobreza, desgostos, perseguições e também a morte? Faremos tudo isso de bom grado, porque vós nos destes luminoso exemplo. Mas vós, ó Deus de bondade e de clemência, infundi em nossos corações o verdadeiro zelo sacerdotal e fazei com que sejamos constantes imitadores do Santo que hoje escolhemos como nosso modelo; e quando chegar o grande dia em que deveremos nos apresentar diante do vosso divino tribunal para sermos julgados, possamos ouvir, não o lamento da reprovação, mas uma palavra de conforto e de consolação.

E vós, glorioso São Filipe, dignai-vos interceder por mim, vosso indigno devoto, intercedei por todos estes zelosos sacerdotes que tiveram a bondade de me ouvir, e fazei que no fim da vida todos possamos ouvir as consoladoras palavras: Salvaste almas? Salvaste a tua! *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti*.